

## Editorial

### Dossiê: A inclusão na educação superior: o olhar a partir de Brasil, Moçambique e outros países

A Universidade Federal de Goiás – UFG tem se constituindo, ao longo dos tempos, em uma instituição de grande relevância tanto no cenário nacional quanto internacional pela qualidade do ensino, da pesquisa, do engajamento social, por meio das ações de extensão universitária, visando ao desenvolvimento e transferência de tecnologias. Outro aspecto em que se destaca a UFG é no protagonismo no campo da inclusão.

Por isso, a UFG, sensível às questões relacionadas à inclusão, ao longo do tempo, tem direcionado o tema para debates em eventos sociais e científicos, fomentado ações e desenvolvido políticas no sentido de tornar a instituição capaz de enfrentar barreiras de acesso, desafios da permanência e ações coletivas buscando o êxito dos estudantes em seus processos formativos.

No presente número, a Revista UFG trouxe a perspectiva da inclusão com foco na educação superior como temática do Dossiê, oferecendo às leitoras e aos leitores artigos resultantes de aprofundamentos teórico-metodológicos, bem como de pesquisas em diferentes espaços, contextos e situações. Intitulado “Inclusão na Educação Superior: o olhar a partir de Brasil,

Moçambique e outros países”, o dossiê reúne textos de países da América e da África ligados a temáticas de cotas raciais e de pessoas com deficiência, gênero, interculturalidade, acessibilidade, educação especial, práticas pedagógicas inclusivas, formação inicial e continuada de professores, dentre outros, a partir de uma perspectiva crítica, reflexiva e propositiva.

No contexto da América do Sul, apresentamos, inicialmente, o artigo de Catalina Rivera Gutiérrez; Luis Henríquez Alvear; Ximena Gutiérrez Saldivia, intitulado “Representaciones del profesorado sobre sus estudiantes: análisis desde la inclusión y reconocimiento”, reflète sobre as diferentes perspectivas de professores chilenos, acerca da compreensão da diversidade. O estudo, realizado com 15 professores do distrito de Pucón, expõe a necessidade da escola reconhecer e valorizar as diferenças, características pessoais e culturais dos estudantes; espaços escolares adequados/adaptados para que o processo ensino-aprendizagem transcorra de forma que respondam e atendem às necessidades de todos os estudantes; necessidade de aprofundar em estudos e ações no processo de formação e professores universitários, como meio imprescindível nos processos de inclusão; por fim, expõe a necessidade de se ampliar a noção de diversidade, como forma de oferta de ações educativas inclusivas.

No contexto brasileiro, iniciamos com o texto texto “As Possibilidades Práticas Pedagógicas Inclusivas no Ensino Superior”, de Carla Ferreira da Silva Machado; Edna Maria de Jesus; Rosimeire Maria Fortuna Costa, que propõe refletir sobre o estudante com necessidades educacionais específicas e o papel dos professores e as práticas pedagógicas adotadas para pensar os processos inclusivos na educação superior. No estudo, realizado com 50 professores da educação superior, os docentes apresentaram que não há um procedimento padrão e definitivo para a inclusão, mas a necessidade de aprofundamento em conhecimentos, formação continuada, maior engajamento não só dos docentes, mas da instituição educacional e demais pessoas que compõe a comunidade acadêmica.

O artigo de Vânia Vieira Silva; Andréia Ferreira dos Santos; Jackeline Miranda de Barros e Yara Fonseca de Oliveira e Silva, expõe a discussão sobre acessibilidade na educação superior, trazendo como lócus de investigação a Universidade Estadual de Goiás – UEG, localizada no Centro-Oeste brasileiro. Com o título “Acessibiliza: uma experiência de atendimento especializado no Ensino Superior em Goiás – Brasil”, o texto aborda sobre a inclusão do estudante com deficiência na instituição, trazendo o projeto Acessibiliza como resultante de um projeto de Extensão Universtária exitoso. Expõe como foco do projeto a

questão da acessibilidade, o Professor de Apoio e o Atendimento Educacional Especializado como estrutura e meio de apoio à inclusão dos estudantes com deficiência.

Outro estudo realizado no Centro-Oeste brasileiro é o de: Thays Santos Souza; Fernanda Costa Barros; Kiara Karizy Guimarães de Melo; Anny Jackeline Rodrigues da Silva e Edna Misseno Pires, “UFGInclui: ingresso e permanência dos estudantes com surdez na Universidade Federal de Goiás”, que busca refletir sobre uma política institucional pioneira de inclusão e os reflexos na formação de estudantes surdos no curso de Letras Libras. Reflete sobre políticas afirmativas e expõe o pioneirismo da Universidade Federal de Goiás nesse movimento. Expõe sobre problemas de dificuldade de acesso, evasão escolar, estrutura de apoio, bem como de formação de professores. Expõe resultados importantes no sentido de sinalizar sensíveis e importantes avanços na inclusão de estudantes em seus processos formativos.

Também voltado a questão de políticas de acesso, porém com enfoque racial, Aparecida Luzia Alzira Zuin; André Luiz Pestana Carneiro, apresentam um estudo sobre o ingresso de alunas cotistas negras na Universidade Federal de Rondônia, Campus José Ribeiro Filho, Região Norte do Brasil, no período de 2013 e 2020. Intitulado “Ingresso de cotistas negras no curso Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia”, o estudo discute as políticas de cotas como importante mecanismo de

reparação histórica da desigualdade entre a população branca e negra. Reforça que, embora o acesso às universidades brasileiras, via cota de indígenas, pessoas negras ou com deficiência tenha sua importância, indica a necessidade de ações, programas e projetos que possibilite, aos estudantes cotistas, a permanência e, por conseguinte, o êxito educacional.

De Minas Gerais, na Região Sudeste do Brasil, apresentamos o estudo intitulado “Por uma nova universidade? Interculturalidade e diversidade nas relações entre professores e alunos”, de Paula Aparecida Diniz Gomides e Gilcinei Teodoro Carvalho, da Universidade Federal de Minas Gerais. O artigo discute o cenário da ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro, via medidas de ampliação de oferta de vagas, da expansão do ensino privado, financiamento, bem como política de cota. Apresenta, no âmbito da expansão da educação superior, a reflexão acerca da perspectiva de inserção ou inclusão de estudantes, no sentido de o primeiro não resulta no segundo. Traz a formação e professores como um importante pilar, tendo o diálogo como princípio no construto de uma universidade plural e inclusiva.

Na perspectiva da África, abrimos com o texto de Teresa M. S. Tchombe, da Universidade de Buea, Camarões, “The philosophy of inclusion in education”. A autora traz para o campo da filosofia a discussão da inclusão, a partir de

reflexões acerca de princípios base e suporte teórico em diferentes contextos. Orientada por uma pesquisa teórica, a autora identificada 14 princípios de inclusão e os agrupa em duas unidades, sendo elas “o intrapessoal – constituindo o metafísico e o epistemológico” e o “interpessoal – por relações sociais e princípios éticos”. Indica que o contexto da globalização, das tecnologias da informação e comunicação e o processo de urbanização criam novos estilos de vida, apresentando forte implicação no processo de desenvolvimento social, econômico e psicológico das pessoas, fatores que exigem, novos arranjos nos processos educacionais inclusivos, a partir de uma filosofia que reconhece a diversidade. Traz a perspectiva inclusiva como um processo coletivo, sendo construído a partir de valores, sistemas de crenças que promovam a plena participação, conexão e fluxo de interação social. Assevera que os currículos inclusivos para a África, devem entender as sociedades africanas como indivíduos que vivem coletivamente, a partir de princípios filosóficos da inclusão que tem a cultura como raiz.

No contexto de Moçambique, trazemos dois artigos. O primeiro de Florescêncio Luís Tumbo; Alcido Leonardo Dengo; Benedito Orlando Mondlane e Clódio Elija André Guambe, “Educação a distância: possibilidades e desafios para inclusão de avaliação diagnóstica” que, a partir de uma pesquisa diagnóstica no Programa de Ensino Secundário a

Distância, do primeiro ciclo, busca contribuir com a educação moçambicana, de modo que a oferta dos serviços educacionais, na modalidade a distância, seja baseada na aprendizagem significativa. O Segundo artigo, de António Cipriano Parafino Gonçalves; Adérito Jorge Nandja; Fernando Gelado Benzane; Ricardo Antonio Teixeira Gonçalves, aprofunda sobre reflexões acerca de políticas públicas voltadas à Educação Inclusiva na educação superior, expondo que a inclusão no campo educacional em Moçambique apresenta vários desafios em seu processo de implementação, encontrando, porém, na educação superior um campo profícuo para implementação, abrindo perspectivas para (re)orientação para outros subsistemas.

Convidamos você, leitora, leitor, a aprofundar sobre o tema inclusão por meio do acesso aos trabalhos contidos no presente Dossiê. Esperamos que os textos tragam questões, reflexões e aprofundamentos sobre o tema. Que a leitura dos artigos possibilite aberturas para novas perspectivas, que possa gerar novos e importantes conhecimentos, que subsidiem discussões e debates, análises e proposições. Finalizamos o presente editorial, para abertura aos ricos trabalhos contidos neste Dossiê, com a seguinte perspectiva exposta por Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, publicada, em

sua primeira versão em 1968, durante seu isolamento no Chile. Mais atual do que nunca!

[...] só uma política radical, jamais, porém, sectária, buscando a unidade na diversidade das forças progressistas, poderia lutar por uma democracia capaz de fazer frente ao poder e à virulência da direita. Vivia-se, porém, a intolerância, a negação das diferenças. A tolerância não era o que deve ser: a virtude revolucionária que consiste na convivência com os diferentes para que se possa melhor lutar contra os antagônicos (FREIRE, 1992, p. 20).

**Ricardo Antonio Gonçalves Teixeira**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Antônio Cipriano Parafino Gonçalves**

Universidade Eduardo Mondlane (UEM)